

Sejam todos bem-vindos ao mundo de Arzyn.

Capítulos-Degustação do livro

# **O Véu Cinzento** **entre os Mundos**

de Rodrigo B. Scop

Acompanhe o trabalho do autor:

[www.rodrigobscop.com](http://www.rodrigobscop.com)

[www.instagram.com/rodrigobscop\\_escritor](https://www.instagram.com/rodrigobscop_escritor)

[www.facebook.com/rodrigobscop\\_escritor](https://www.facebook.com/rodrigobscop_escritor)

*“Nada sabemos sobre o outro lado do portal que surge para recolher as almas desencarnadas. Relatos de rituais antigos, capazes de trazer espíritos já ascendidos de volta, apontam incapacidade de recordar o que existe do outro lado. Assim, não há maneira de refutar a crença dos adeptos à Tríade sobre as almas partirem para um mundo pertencente a Ellah, Hannor e Shakka. Registros históricos apontam o trio como meros humanos, não divindades, mas a tentativa de disseminar tal conhecimento para afetar o culto à Tríade nunca obteve sucesso. Sem informações sobre o que existe após o portal que recolhe as almas, tampouco podemos comprovar o consenso entre os estudiosos arcanos sobre os espíritos se dirigirem a mundos de cada irdranni, consoante suas predisposições energéticas e atos em vida. O que possuímos comprovado, e o que o culto à Tríade prefere ignorar, é a possibilidade de uma alma não ascender, guiada por ferrenha força de vontade, e de permanecer em um plano etéreo sobreposto ao dos vivos, um mundo habitado por espíritos errantes.”*

*Tavirya de Serra Crestada.*

# AYLLAN

## A QUEDA

Uma gota de suor deixou a testa protegida pelo elmo e escorreu até a ponta do nariz fino. Ayllan enxugou o rosto com o dorso da mão e puxou a gola da cota de malha sob o tabardo preto. Uma tentativa vã de aliviar o calor. Sua garganta estava seca e seus dedos vacilavam no cabo da alabarda. Apesar do cansaço, esforçava-se para manter a postura digna de um soldado real. Em breve seu turno na guarda se encerraria, e ele já conseguia sentir o frescor das sombras de seu jardim, o sabor doce e cítrico de um refresco de laranja, o prazer de contar histórias para sua filha.

Nas ameias da muralha, Ayllan voltou a encarar o horizonte. O sol descia atrás dos cumes pontiagudos das montanhas a noroeste e reluzia na curva sinuosa do rio que banhava a capital. Embarcações mercantes cortavam a água com velas infladas, e navios militares guardavam os arredores. Antes das montanhas localizadas na margem norte, ovelhas se apinhavam em colinas verdejantes. Ao longe, ao sul do rio, campos cultivados se fundiam com céu e montanhas no território de um reino vizinho a Alyzair.

Assim que percebeu a presença de seu substituto na vigília da muralha, Ayllan retirou o elmo e se voltou para a cidade de Nayran. Gostava da paisagem natural dos arredores, mas preferia o recorte das casas, torres e ruas entre as quais havia sido criado. Ele expirou aliviado e estendeu a alabarda para o homem que se aproximou, enquanto outros soldados descansados também ocupavam seus postos.

— Ayllan, vamos esvaziar um barril e ouvir alguma música — disse um soldado parrudo de cabelos negros curtos. Acompanhado por dez homens de expressões sedentas, ele segurava o elmo embaixo do braço. — Junte-se a nós.

Ayllan esboçou um sorriso e balançou a cabeça para os lados.

— Hoje, não, Klarn. Só quero descansar. Divirtam-se.

— Estaremos no Carneiro Sonhador, se mudar de ideia.

Os outros soldados lançaram cumprimentos com acenos curtos e se dirigiram até as escadas internas da torre mais próxima. Ayllan gostava da companhia do amigo Klarn e dos demais homens da guarda, mas estava com ânimo apenas para sua casa. Desejava tranquilidade, não cerveja e cânticos bêbados em um salão ruidoso. Enquanto descia os degraus até a base do portão oeste da cidade, torcia para que sua esposa não insistisse na ideia de partir de Nayran. Ela o estava incomodando com o assunto nas últimas semanas, e tudo que ele desejava era descansar com a companhia da filha.

Ayllan recolocou o elmo para caminhar sozinho pelas ruas da cidade em direção ao setor nordeste. Manteve a mão esquerda próxima ao pomo da espada e os olhos atentos a qualquer eventualidade na multidão. Cruzou praças, atravessou ruas e passou por mercados lotados. Parou diante da entrada de uma viela comprida repleta de passagens laterais estreitas que serpenteavam entre casebres. Havia crescido ali, na parte leste, na zona mais pobre da cidade, cercado por crimes, frio e fome. Um sopro de alívio o preencheu ao recordar a sorte que havia tido. Agora morava em uma área tranquila de casas amplas com jardins, lareiras e proteção de patrulhas à noite.

Retomou o caminho até alcançar a baixa colina que marcava a área na qual vivia. No início da rua, destacava-se uma loja construída em pedra. A fachada era marcada por uma placa na qual figuravam um pedaço de queijo e uma linguiça. Ao entrar no comércio, Ayllan retirou o elmo e ergueu a mão em cumprimento. Um homem baixo e ágil organizava o balcão repleto de peças de queijo.

— Como está, Dallon? Dia tranquilo?

— Não. — O comerciante abriu um largo sorriso. — Muito movimentado, graças à Tríade. Mais cedo precisei do auxílio de meu filho.

— Ele está bem? Se mantendo longe de problemas?

— Sim, senhor Ayllan. Agradeço muito por sua ajuda. Rezo todas as noites para que a Tríade seja bondosa ao construir seu caminho.

O soldado assentiu satisfeito, correndo os olhos pelos queijos de variadas tonalidades e tamanhos.

— Sobrou uma peça daquele de ovelha da Campina Ferllag? Não está aqui.

— Tenho lá dentro. Já volto.

Ele passou por uma cortina de tiras de couro e deixou Ayllan sozinho junto ao balcão. Uma jovem entrou na loja e se aproximou das linguças penduradas na parede. Ela não parecia suspeita, mas o soldado a observou com atenção. Queria garantir que nada fosse roubado. A mulher já havia selecionado três produtos quando Dallon retornou.

— Seu cunhado pagará? — perguntou o comerciante, colocando sobre o balcão o queijo embrulhado em uma rede.

— Sim. — Ayllan passou dois dedos na rede e puxou a peça maior que sua mão espalmada. — Obrigado, Dallon. Tenha uma boa noite.

— Que a Tríade o proteja.

Ao retornar para a rua pavimentada, Ayllan estava decidido a comer a iguaria acompanhada de cerveja ou vinho aguado após o jantar enquanto contava histórias a Dyanna. Um sorriso bobo brotou no rosto do soldado ante a imagem da filha se divertindo.

Quando alcançou seu lar, os últimos raios de sol deixavam o horizonte. Ayllan estacou diante da soleira. A fachada da casa era larga e pintada em cor creme. As janelas estavam abertas, e ele enxergou sua filha acendendo lamparinas com a mãe em uma mesa baixa da sala. Assim que Dyanna o avistou, sorriu e correu para abrir a porta.

Ayllan largou a peça de queijo e recebeu a menina em seus braços. Com um impulso, ergueu-a na direção do teto, girando-a e fazendo-a rir. Os cabelos castanhos balançaram livres, e os olhos cor de mel brilharam. Assim que colocou Dyanna no chão, Ayllan sentiu sua felicidade esvaír diante das expressões endurecidas da esposa. Sannyra o encarava com olhos pretos severos e dentes trincados. Os cabelos negros estavam presos em um coque. A figura rígida fez o soldado recordar sua própria mãe.

— Dyanna, vá brincar no jardim lá atrás. Aproveite o final do dia — ordenou a mulher, apontando o início de um corredor para o resto da casa. A menina estendeu a mão para o pai. — Hoje precisará brincar sozinha. Os adultos precisam conversar.

Ayllan sentiu um aperto no estômago ao perceber o desânimo de Dyanna, que deixou a sala com os ombros baixos. No entanto, quando ela passou a saltitar no final do corredor, um sorriso ténue brotou nas expressões do soldado. A passos largos, Sannyra juntou a comida trazida pelo marido e deixou a sala. Ela seguiu até a cozinha, largou o queijo em um balcão e sentou em uma mesa próxima ao fogão à lenha. Uma panela fumegava.

— O que deseja falar? Se for sobre deixarmos Nayran, nem se dê ao trabalho — disse Ayllan, ao seguir a esposa. Ele se escorou no batente da porta e inspirou o aroma da comida. — O que está cozinhando?

— Ensopado de peixe e legumes para o jantar. Sente-se.

— Diga-me o assunto antes.

— Você sabe sobre o que é. Há novos desdobramentos. Sente-se. — A voz de Sannyra saiu afiada como navalha. Ayllan bufou e puxou uma cadeira. — Gannara e Ollyd decidiram partir em dez dias. Está tudo acertado, eles não possuem mais motivos para continuar em Nayran.

— Que façam boa viagem.

Sannyra raspou as unhas na mesa e inspirou com força.

— Nós precisamos ir com eles! Ollyd não permitirá que moremos aqui. Ele deseja ganhar algo com a casa. Já possuí ofertas de compra e aluguel.

— Moraremos com Klarn e sua família até encontrarmos um lugar para nós — retrucou o soldado, dando de ombros. — Ele se dispôs a nos ajudar.

— E deixar esta zona da cidade? Já lhe disse que isso é loucura. Como você acha que Dyanna reagiria? Nós crescemos em casebres, passando fome e lidando com doenças e vizinhos vis, mas ela não está acostumada. Não há razão para submeter nossa filha a tantos problemas.

Ayllan engoliu em seco.

— Então convença Ollyd a deixar a casa em nossa posse. Cuidaremos da propriedade dele. O que não farei é partir de Nayran.

— Ele já está sendo gentil o suficiente ao permitir que moremos com eles em Manzyan. Estão nos dando uma chance de mantermos nossas condições de vida, e você está recusando por um sentimento inútil de gratidão à coroa.

— Inútil? — bradou Ayllan, apoiando com força os cotovelos sobre a mesa. — Me alistar salvou minha vida após eu salvar a sua. Sem contar que os anos de serviço trouxeram amigos que muito nos ajudaram. Tudo que alcancei foi em razão do serviço à coroa. Não posso abandoná-la agora. Não quero deixar o reino, nem esta cidade. Convença sua irmã e seu cunhado a nos cederem a casa. Do contrário, moraremos com Klarn e sua família.

Sannyra rangeu os dentes e esfregou o rosto.

— Já pensou nas chances de acontecer com Dyanna o que quase aconteceu comigo? Por sorte, você estava lá para impedir. E se os seus serviços à coroa não forem o suficiente para protegê-la? E se ninguém estiver por perto quando acontecer com ela?

Ayllan lançou a mão fechada contra a mesa e fez a madeira tremer. Sannyra pulou na cadeira com o estrondo.

— Nada acontecerá com Dyanna.

— Nossa filha ficará bem — sussurrou Sannyra, encrespando os lábios. — Se formos para Manzyan.

O soldado fez um gesto brusco de desistência e se jogou contra o encosto da cadeira.

— Se deseja tanto ir com sua irmã, vá. No entanto, Dyanna fica comigo em Nayran.

— Nunca abandonarei minha filha — rosnou Sannyra.

Ayllan deu de ombros.

— Se deseja continuar nesta casa, convença Ollyd.

Sannyra juntou as mãos e as colocou sobre os olhos. Pelo movimento ofegante do peito e das sonoras fungadas, Ayllan julgou que a esposa chorava. Apesar de mexido pela emoção da mulher que amava, o soldado entendia sua decisão como correta. Conseguiria proteger Dyanna de quaisquer perigos. Em seu peito, batia voraz o orgulho de servir à coroa, um dos únicos que lhe restava. Se aceitasse a mudança, seria um homem sem ofício e sem sustento, dependente por completo das riquezas dos cunhados.

— Por favor, Ayllan, pense em Dyanna — insistiu Sannyra, com a voz embargada.

— A decisão está tomada — afirmou Ayllan, ríspido. Ele suspirou. — Estou com fome. O ensopado ainda demora?

Sannyra balançou o queixo para cima e para baixo, esfregando os olhos com o dorso das mãos.

— Tem uma torta de figo, laranja e amêndoas, se quiser.



Ayllan esboçou um sorriso constrangido e assentiu. Ele não gostava de ver a esposa chorando, mas o lugar de sua família era em Nayran. Sannyra se levantou com os ombros caídos. Pegou uma forma de madeira coberta por um pano em cima do balcão e uma colher no gaveteiro, colocando-as em frente ao marido. Então, deixou a cozinha.

Ele inspirou com prazer ao retirar o pano, desfrutando o aroma. No recipiente, havia pouco menos de metade da torta. A massa era quebradiça, e a camada de recheio, escura e úmida. Ansioso para esquecer a conversa com a esposa, Ayllan comeu em grandes colheradas, deliciando-se com o sabor adocicado. Assim que engoliu o último pedaço, decidiu encontrar a filha no jardim.

Após dois passos, uma tontura o acometeu. Cruzou as pernas amolecidas e permaneceu de pé, escorando-se na mesa. Sentiu a garganta formigar e as entranhas endurecerem. Tentou tossir, mas exalou apenas um sopro fraco repleto de saliva. Ao tentar limpar os lábios, percebeu a língua adormecida. Os joelhos afrouxaram. Ayllan lutou para se equilibrar, mas bateu o queixo na mesa e o ombro no chão.

A respiração começou a falhar, e os músculos se retesaram. Enxergou Sannyra de pé na porta da cozinha e não soube se ela ria ou chorava. A audição havia silenciado, e a visão escurecia aos poucos. O coração acelerado retumbava em sua mente. Pensava apenas na esposa, na filha e no desespero de encarar a morte. Com dedos frenéticos, raspou a garganta em um gesto vão antes de começar a se debater. Pernas e braços tremelicaram, os dentes rangeram. De repente, filetes de sangue deixaram nariz e lábios, e o corpo descansou.

# PASSADO

## ESTACAS COM SANGUE

*Nayran, capital do reino de Alyzair. Ano 1435 da Era do Equilíbrio, dezanove anos antes da morte de Ayllan.*

Sentado ao redor do fogo brando, o jovem Ayllan observava sua mãe mexer um líquido ralo com alguns nabos e ossos de galinha. A panela fumegava sobre um amontoado de gravetos finos em um buraco no centro do casebre.

— Hoje teremos um bom ensopado — declarou a mulher, trocando a posição das pernas para não esfolar os joelhos contra a terra batida. — Conseguimos nabos decentes, e seu pai arranjou belos ossos.

Ayllan assentiu e passou a língua nos lábios, imaginando quem havia roído a coxa, a asa e a sobrecoxa da ave. Sabia que sua mãe gostava de repetir certos fatos com voz afável e sorriso no rosto, tentando se convencer de que a vida não era miserável.

— E ainda poderemos usá-los por alguns dias — completou o pai, coxeando para perto da fogueira. — Quem sabe amanhã seja cozido de ossos com batatas.

— Só as cascas já dariam um ótimo ensopado — murmurou a mãe.

Ayllan observou o pai. Sentia orgulho dele, apesar da tristeza que sempre o acompanhava. Mesmo com a perna deformada por um acidente envolvendo uma carroça quando novo, ele batalhava pela sobrevivência da família. O pai não havia revelado a origem dos ossos, mas o lábio cortado e o hematoma no olho esquerdo indicavam que havia lutado por eles.

O estômago de Ayllan roncou alto. Ciente de que o ensopado ainda demoraria, ele se levantou e caminhou até a parte de trás da construção de ambiente único. Naquele lado, a família guardava utensílios, como velas, cumbucas e baldes. No outro, repousavam as poucas mudas de roupa, as cobertas carcomidas e o colchão de palha furado no qual os três se apertavam todas as noites.

Antes de sair pela porta dos fundos, Ayllan pegou duas estacas de madeira que ele mesmo havia moldado com uma faca do pai. Sonhava em um dia ser soldado, receber moedas e sustentar a família. Os tocos pontiagudos simulavam adagas, e o jovem os brandia quando ficava entediado ou ansioso.

A porta bateu às suas costas na penumbra do final da tarde, e Ayllan encarou a parede de pedra da viela estreita e fedorenta. Outros casebres semelhantes se alinhavam para ambos os lados, e caixotes empilhados escondiam o final do beco seis construções adiante. Ayllan ergueu suas adagas improvisadas e lançou dois golpes no ar. Então, um movimento atrás das caixas chamou sua atenção. Ele hesitou, alternando olhares entre a porta de sua casa e o fim da ruela, mas a curiosidade venceu a precaução. Com passos silenciosos, aproximou-se sem ser notado. Quando compreendeu o que acontecia, suas mãos apertaram com força as estacas.

Dois jovens dominavam Sannyra, sua vizinha e amiga. Um deles a agarrava por trás, segurando sua cintura com o braço esquerdo e cobrindo sua boca com a mão direita. O outro apertava os pulsos e descia com voracidade a língua pela clavícula. Ela se debatia, sacudindo as pernas e os ombros, mas era fraca perante os dois criminosos. As alças de seu vestido estavam nos cotovelos, e o decote se encontrava rasgado.

Ayllan sentiu um alívio ao perceber que a saia caía intacta até abaixo dos joelhos. Ainda poderia salvar Sannyra do pior. Ele conhecia os dois agressores e estava ciente do perigo em enfrentá-los. Tratava-se de Lyarg e Myorg, dois sobrinhos do líder dos criminosos que dominavam a região. Entretanto, o jovem não se importou com nada além de livrar Sannyra do perigo.

Ayllan avançou com uma das estacas contra Lyarg, que segurava a jovem por trás. A ponta entalhada atravessou bochecha e raspou dentes. Ganindo, ele virou o rosto e soltou Sannyra. Ayllan puxou sua arma pontiaguda. Sangue espirrou e pele ficou pendurada. Lyarg caiu de joelhos, urrando e apertando as mãos contra o ferimento.

O segundo criminoso empurrou Sannyra contra uma pilha de caixotes. Ela caiu no chão e gritou. Myorg então avançou contra Ayllan, agarrando seu ombro direito e disparando um soco contra seu rosto. O jovem magricelo se abaixou com agilidade, sentindo o punho passar rente aos cabelos castanhos, e cravou uma estaca na parte interna da coxa do oponente. De imediato, a outra adaga de madeira encontrou a pélvis, furando testículos e carne. Myorg berrou e acertou um soco nas costas de Ayllan, enquanto o jovem se jogava para o lado com suas estacas em mãos.

Com a dor sobrepujada pelo desespero do combate, Ayllan girou e ergueu as armas improvisadas. Atordoado, Myorg tentou sacar uma faca guardada na base das costas, mas Ayllan saltou sobre ele, cravando uma das estacas na lateral de sua garganta. Os joelhos do adversário arriaram. O jovem largou a adaga de madeira da mão esquerda e sacou a faca da cintura do oponente, esfaqueando-o na lateral do torso por três vezes. Myorg ainda acertou o cotovelo na lateral do rosto de Ayllan antes de cair de lado no chão, gemendo enquanto se esvaía em sangue.

Lyarg estava outra vez de pé, com as mãos ainda no rosto, encarando com ódio a paralisada Sannyra e o ensandecido Ayllan, que ergueu a faca em sua direção. Em vez de atacar, o criminoso começou a correr até a entrada do beco. Ayllan não tentou segui-lo, e de imediato o medo de retaliação se misturou à raiva. O terror do jovem quase foi substituído por alívio quando o pai de Sannyra deixou seu casebre brandindo uma marreta enferrujada. O golpe errou o alvo por muito, e Lyarg alcançou o outro lado da viela, sumindo na esquina estreita.

Ayllan percebeu a presença dos pais, boquiabertos diante da confusão, enquanto outros vizinhos apareciam em suas respectivas portas dos

fundos. Reprimindo o choro e segurando o tecido rasgado do busto, Sannyra correu até o pai, que a envolveu em seus braços e a colocou para dentro de casa.

— O que você fez? — questionou a mãe de Ayllan, com a voz temerosa, encarando Myorg imóvel sobre uma poça de sangue. — Você sabe quem eles são.

— Ele fez o correto — assegurou o pai, agachando ao lado do cadáver. — Protegeu Sannyra, como um homem honrado deve fazer.

Ele retirou algumas moedas do cinto do morto e balançou a cabeça com satisfação.

— Ayllan a salvou. E agora? — retrucou a mãe. — Eles voltarão. Sangue por sangue.

— Agora ele se alistará no exército do reino.

— Ele ainda não possui quinze anos. — A mãe fitou com dó o único filho. — Precisamos escondê-lo. Dizer que fugiu da cidade.

— Nós não conseguiremos protegê-lo. Apenas a coroa poderá fazer isso — rebateu o pai.

— E se ele fugisse para longe de verdade? — sussurrou a mãe, agarrando o braço do marido.

— Provável que morresse de fome — informou o próprio Ayllan, tomando o caminho de casa após cuspir no corpo estendido de Myorg. — O pai está certo, preciso me alistar. Não estou disposto a roubar em estradas para sobreviver. E sempre quis ser um soldado.

Os pais o seguiram de volta para casa sob os olhares curiosos e exaltados dos vizinhos. Ayllan largou a faca e a estaca restante em uma cumbuca ao lado da porta e encarou suas mãos pegajosas de sangue. Sempre havia imaginado que sua primeira morte viria em uma batalha honrada. Ainda assim, não se arrependia do ato. Tinha certeza de que agira como deveria.

— Você não será aceito no exército da coroa, meu filho. Vá até o porto e se ofereça para ajudar em uma embarcação que partirá para longe — insistiu a mãe.

Ela entregou para Ayllan um pano úmido e começou a preparar uma trouxa de roupas.

— Primeiro, tentarei me alistar. Se me recusarem, prometo que irei direto para o porto. — Ayllan limpou o sangue das mãos. — Assim que puder, enviarei uma mensagem informando onde estou.

O pai segurou os ombros do filho e sorriu com emoção. Ayllan enxergou orgulho em seus olhos e o abraçou.

— Que a Tríade guie seus passos. Não se preocupe com a gente, foque em sobreviver.

Ayllan assentiu e usou o pano úmido para limpar também a faca e a estaca. A mãe lhe entregou uma bolsa antiga com uma muda de roupa, e ele guardou as duas armas. Então, abraçou-a. Ela conteve o choro, mas os olhos marejaram.

— Vocês ficarão bem? — perguntou Ayllan, ao perceber que deixaria os pais sozinhos. — Se os Caninos Afiados não me encontrarem, vocês não se tornarão os alvos? Ou Sannyra?

— Hyallon é um homem duro, mas não mandará matar outros por algo que você fez — esclareceu a mãe. O pai concordou. — Cuide-se. Vá logo.

Ayllan beijou os dois antes de deixar o casebre pela porta de trás. Com a agitação do combate diminuída, sentiu o latejar da maçã direita do rosto. A área atingida nas costas também passou a incomodar. Ignorando os olhares reprovadores dos pais, que o incitavam a partir de imediato, o jovem bateu à porta da moradia vizinha.

— Agradeço pelo que fez por minha filha, mas ela não quer ver ninguém — resmungou o pai de Sannyra, abrindo apenas uma fresta da porta.

Ayllan enxergou a jovem ao fundo, por baixo do braço do homem. Em um camisolão cinzento, Sannyra sentava no chão e chorava sem parar. Afagando seus cabelos estava sua irmã Gannara, com as expressões de criança parecendo confusas diante do ocorrido.

— Estou indo embora antes que Hyallon mande alguém para me matar — explicou Ayllan. — Gostaria de me despedir de minha amiga.

O pai de Sannyra olhou para trás, mas a jovem balançou a cabeça para os lados com veemência antes de afundar o rosto nas mãos. Ayllan sentiu um aperto no peito, mas aceitou com relutância e observou inerte a porta do casebre fechar. Então, abanou para seus pais e deixou a viela a passos largos, serpenteando pelas ruas e seguindo para uma praça de mercado repleta de tabernas e hospedarias. Ayllan sabia que um oficial do exército alternava entre diferentes estabelecimentos da área para recrutar novos soldados. Na quarta tentativa, quando lamparinas já iluminavam a noite, o jovem o encontrou na taberna Carneiro Sonhador.

No fundo do salão movimentado, o oficial de gibão de placas e tabardo preto encarava os clientes com expressões duras e analíticas. Uma faixa pendurada na parede identificava o posto de recrutamento. Ayllan não sabia ler, mas o símbolo da casa real do reino de Alyzair, uma garça branca de asas estendidas, era indicativo suficiente.

O jovem cruzou o ambiente e parou em frente à mesa ocupada pelo oficial. Enquanto o homem o encarava em silêncio, Ayllan sentiu as pernas trêmulas e as mãos inquietas. Esfregou os dedos, lembrando-se do sangue quente e pegajoso, e ergueu o queixo ao recordar o ímpeto para destroçar uma bochecha, a ferocidade para dilacerar uma garganta, a fúria para perfurar a lateral de um corpo.

— Espero que não esteja aqui para se alistar — comentou o oficial. — Você é muito novo.

— Por favor, senhor, reconsidere. Desejo defender Alyzair.

— Defender o reino ou se proteger? — rebateu o militar, apontando a maçã do rosto de Ayllan. — Se sofreu um crime, comunique a algum posto da guarda.

— Terei quinze em três sextantes. Sempre quis ser um soldado.

O oficial suspirou.

— Você possui algum registro de nascimento?

Ayllan demonstrou dúvida com os ombros. Se possuísse, sua mãe teria informado quando soube de sua partida. No entanto, não queria dar uma resposta negativa ao recrutador.

— Não importa — comentou o oficial, gesticulando para que Ayllan se afastasse. — Você é muito pequeno.

O jovem sentiu a garganta apertar. Não queria partir sem uma solução, sem a garça branca de asas estendidas estampada no peito. Em uma tentativa desesperada e nervosa, tropeçando nas palavras, contou toda a verdade ao oficial.

— Você não está mentindo, garoto? — indagou o homem, após ouvir o relato com expressões impassíveis.

Ayllan não sabia se o militar o mandaria prender ou se o ajudaria. Ou se apenas o ignoraria. Ainda assim, assentiu com firmeza. O homem coçou o nariz de forma contemplativa por alguns instantes.

— Pois bem. Bem-vindo ao exército do reino. Sente-se atrás de mim e fique calado. Posso encaminhá-lo para os alojamentos ainda hoje. Se me atrapalhar, desejarei boa sorte e o enviarei de volta para casa.

Ayllan não emitiu qualquer som. Por horas, observou o oficial aceitar e recusar possíveis recrutas. À noite, dormiu em um colchão de palha sob a proteção da coroa antes de ser enviado para o castelo de Birggaran, no noroeste do reino, onde receberia seu treinamento inicial e serviria como soldado.



# AYLLAN

## PRISÃO CARNAL

Ao voltar a enxergar, Ayllan não encontrou sua esposa junto à porta da cozinha. A cadeira na qual havia comido ainda estava afastada, a travessa vazia da torta repousava sobre a mesa, seu corpo permanecia no chão. Enquanto três homens desconhecidos em capas pretas limpavam o sangue de seu rosto e o içavam, Ayllan procurou desesperado por um vislumbre da filha. Sequer conseguiu observar todo o ambiente. Seus músculos pareciam rígidos e travados.

Tentou gritar com o trio que agora o carregava, mas seus lábios não se moveram. Após um esforço vão para se debater, Ayllan prestou atenção nos detalhes ao redor. Percebeu que as cores do mundo haviam diminuído, que os aromas haviam desvanecido, que não sentia o toque das mãos dos homens em seus braços e pernas. Deixou o terror preenchê-lo. Sem compreender a experiência, não sabia como agir.

Assistiu, então, em desespero imóvel, aos desconhecidos o retirarem da cozinha e o levarem pelo corredor da casa até o jardim nos fundos. Era noite e apenas uma lamparina iluminava a varanda deserta. Os homens o carregaram por uma porta atrás de uma árvore, a qual atravessava o muro que protegia a residência.

Após trancarem a passagem, um deles o colocou nos ombros, enquanto os outros dois serviram de escolta pelas ruas escuras de Nayran. Ayllan enxergava apenas a alternância do chão entre pavimento de pedras cinzentas e terra batida. Por vezes o trio parava em esquinas escuras, assegurando que ninguém os visse.

Quando os desconhecidos alcançaram uma ruela distante com paredes de armazéns portuários em ambos os lados, largaram o corpo imóvel. Ayllan começava a compreender sua situação, e a raiva o tomava. Havia ouvido os sacerdotes falarem sobre a pós-vida, sobre os espíritos que eram libertados da carne apenas pelo fogo. Ou pela ação dos arcanos cinzentos. Temeu que escondessem seu cadáver, que longos e torturantes anos passassem antes de sua libertação.

No breu da rua estreita, iluminada apenas pela lua cheia e brilhante, um dos desconhecidos mexeu em um saco de pano, retirando o elmo de Ayllan e encaixando-o em sua cabeça frouxa. Em seguida, outro dos homens desembainhou uma adaga e se abaixou, fincando-a na lateral do torso seis vezes. Ayllan nada sentiu, e sangue se espalhou pelo chão. O trio encapuzado logo se afastou, deixando o antigo soldado real sozinho na noite amena. Mesmo preso ao corpo e encarando os céus, certo alívio abrandou a fúria de Ayllan. Alguém o encontraria, e sua prisão corpórea alcançaria um fim. Quando estivesse livre, encontraria seu assassino e se vingaria. Ayllan suspeitava em especial de Sannyra, que lhe servira a torta envenenada, mas se recusava a acreditar que ela possuísse a coragem e a frieza para assassiná-lo. Eles se amavam. Remoendo desgosto, Ayllan observou a lua em seu caminho pelo céu.

Quando a alvorada chegou, o corpo do soldado permanecia imóvel, e seu espírito continuava preso à carne. Tudo que enxergava eram as paredes e os telhados dos armazéns. Até que uma face de meia-idade surgiu em seu campo de visão. Ayllan não havia ouvido a popular se aproximar e concluiu que sua audição havia diminuído. Lembrou-se da noite anterior, de mal escutar os passos dos três desconhecidos ou o tilintar metálico de sua cota de malha.

— Filho, chame a guarda da cidade — bradou a mulher, virando-se para fora do campo de visão de Ayllan.

O sol já havia nascido quando dois guardas em tabardos pretos com o símbolo da garça branca de asas estendidas se inclinaram sobre o cadáver estirado no chão. Ayllan não os conhecia, mas ambos ficaram preocupados e

xingaram a perda de um companheiro. Assim que um grupo maior chegou, Ayllan foi colocado em uma carroça e levado pelas ruas movimentadas de Nayran, sob olhadelas curiosas de pessoas que passavam. Ayllan reconheceu o posto para o qual foi levado. Era o principal da zona portuária, e o oficial encarregado o identificou. Conheciam-se há anos, haviam compartilhado tarefas e celebrações.

— Ele era um soldado leal — comentou Fyrnad com seus subalternos, retirando o elmo em respeito a um antigo companheiro.

Descansando em uma bancada de pedra repleta de palha no centro do ambiente, Ayllan testemunhou as sobrancelhas grossas do oficial franzirem e seus olhos negros baixarem em lamento.

— Eu mesmo comunicarei o crime à família e aos superiores. Deixem-no aqui até que eu retorne com sua esposa.

Os soldados assentiram, e Fyrnad deixou o recinto. A menção a seus familiares fez Ayllan despertar de seu torpor imóvel e colérico. Em breve reencontraria sua possível carrasca: Sannyra. Desejava enxergá-la, certificar-se de seu luto, provar a si mesmo que não fora assassinado pela esposa. Enquanto ele esperava, rostos de diferentes soldados dançavam em seu campo de visão, contrastando com as vigas de madeira do teto. A cada instante, seu cadáver se tornava mais rígido e arroxeadado.

Klarn foi o primeiro a aparecer para visitá-lo. Um formigamento acolhedor percorreu Ayllan diante das feições tristes do companheiro de exército real. Esqueceu-se da raiva e do desejo de vingança, mergulhando em melancolia ao lembrar desafios que enfrentaram juntos. E não haviam sido poucos.

— Descobrirei quem fez isso com você — sussurrou Klarn entre dentes, observando as perfurações na lateral do cadáver. — Será feita a justiça. Juro pela Tríade.

Ayllan desejava ser capaz de se mover com amplitude, olhar os arredores, contemplar a si mesmo estirado sobre a palha ensanguentada. A

decepção e a fúria voltaram a revolver em seu âmago espiritual, e assim continuaram, enquanto Klarn permanecia estático a seu lado, imerso em seus próprios pensamentos.

Quando Fyrnad reapareceu em seu alcance de visão, Ayllan experimentou uma pontada de alegria. Estava prestes a rever sua família. Precisava saber que Dyanna estava bem. No entanto, apenas Sannyra apareceu. Estava abatida, com o rosto inchado e avermelhado. Lágrimas voltaram a correr assim que ela fitou as expressões sem vida do marido. Logo soluços apareceram, acompanhados de filetes de ranho e saliva. Ayllan repetiu a si mesmo que estava certo, que não havia sido ela a envenenadora. Conhecia a esposa há muito tempo. A dor era legítima.

Sannyra tocou o peito do cadáver e suspirou, balbuciando com a voz enfraquecida:

— Quem faria algo assim com Ayllan?

— Uma investigação já foi iniciada — relatou Fyrnad, em tom formal.  
— A guarda a manterá informada sobre novas descobertas. Não deixaremos sair impune alguém que assassina um irmão de exército.

— Gostaria de fazer parte da investigação — pediu Klarn. Fyrnad hesitou, e o soldado acrescentou: — Buscarei o culpado de qualquer maneira. Melhor se trabalharmos juntos.

— Não penso que será um problema. Contatarei seu superior — resmungou o oficial após pensar por alguns instantes. Ele abrandou a voz ao se dirigir a Sannyra: — Agora que parece mais calma, gostaria de fazer algumas perguntas.

— Apenas depois que o corpo estiver preparado para o funeral — afirmou a mulher. — Há uma carroça disponível para o levarmos até um templo?

Fyrnad sinalizou para que dois soldados carregassem Ayllan. A cidade possuía diferentes templos de culto à Tríade, além de um que cultuava

as antigas entidades irdranni, frequentado em especial pelos membros da Mão Arcana que auxiliavam na manutenção da paz em Alyzair.

Enquanto era transportado outra vez pelas ruas da cidade, sob os mesmos olhares curiosos dos populares, que agora se sentiam intimidados pelas presenças de Klarn e Sannyra na carroça, Ayllan refletiu sobre o comportamento de sua esposa. Ela estava muito abatida, indicativo de que não desejara sua morte, mas nada havia dito sobre a torta de figo envenenada, nem sobre a morte na cozinha de casa. E Fyrnad havia explicitado a necessidade de ainda interrogá-la. Talvez Sannyra estivesse nervosa e triste demais para falar sobre o assunto. Ou com medo de ser considerada culpada injustamente.

Em pouco tempo, Ayllan se viu em frente a um grande templo próximo ao porto, o qual acendia piras funerárias todos os finais de tarde. Pessoas morriam, e seus espíritos precisavam ser libertados da prisão carnal. Era um dos principais de Nayran, todo construído em pedra cinzenta, com a fachada vistosa repleta de arcos. Portas duplas de carvalho marcavam a entrada. Acima do arco mais alto, o símbolo da tríade reluzia em metal, um pequeno círculo com três traços a partir de seu ponto superior, um na vertical, dois em ângulo de quarenta e cinco graus.

O cadáver foi carregado até uma sala adjacente através de diferentes estátuas dos deuses da Tríade, Shakka, Ellah e Hannor, e colocado em uma das cabines estreitas disponíveis, separadas entre si por cortinas vermelhas. Dois outros corpos já aguardavam prontos pelas chamas. Os espaços eram compostos de balcões de pedra forrados com palha, vasilhas de água, tesouras, panos e peças de um tecido leve e cinzento.

Assim que Sannyra e Klarn começaram a despi-lo, Ayllan se sentiu humilhado e impotente. Assistir às roupas serem cortadas preencheu seu âmago com mágoas dos dois que o preparavam para a travessia espiritual. Apesar de amá-los, a angústia o consumiu. A cada ação, eles o afastavam do mundo concreto, do serviço à coroa, de Dyanna. Mesmo tentando, o soldado

também não conseguiu afastar a ideia do quão cruel seria se sua própria assassina o estivesse velando.

— Agradeço por não se importar com minha presença — comentou Klarn, umedecendo um pano na água. — É muito importante para mim. Ele era meu melhor amigo.

— Ele não desejaria diferente — murmurou Sannyra, fazendo surgir um sorriso no semblante tenso do soldado.

Ambos passaram a limpar o corpo, despedindo-se de Ayllan segundo os ditos fúnebres da Tríade.

— Vocês ainda são bem-vindas à minha casa — comentou Klarn, rompendo um longo e terno silêncio. — Ayllan assegurou que o quarto vago seria o suficiente para vocês três. Agora, sendo apenas você e Dyanna, ele será mais cômodo.

Sannyra congelou seus movimentos ao perguntar:

— O que Ayllan lhe disse sobre precisarmos de uma nova moradia?

— Apenas que Ollyd e Gannara se mudariam para Manzyan e que a casa seria vendida ou alugada.

A mulher expirou e retomou a tarefa com o pano úmido.

— Você é um bom homem, Klarn. E um ótimo amigo. No entanto, com a morte de Ayllan, julgo melhor que Dyanna e eu sigamos nossas vidas junto de minha irmã.

O soldado do exército real anuiu compreensivo, e Sannyra baixou o rosto. O espírito de Ayllan se debateu em suas amarras mundanas. Estava arrependido por não ter explicado mais ao companheiro, por não ter revelado detalhes do conflito familiar acerca de partir ou não de Nayran. Se o tivesse feito, talvez Klarn suspeitasse de Sannyra.

Após a limpeza, o cadáver foi envolto em largas e compridas tiras do tecido cinzento. As pernas foram atadas juntas, e os braços, grudados ao torso.

A cabeça foi a última parte a ser coberta. Apesar da mortalha, o espírito de Ayllan continuava ciente do que acontecia ao redor. Ainda enxergava e ouvia. Sannyra e Klarn deixaram o recinto carregando espada, elmo, cota de malha e vestes.

Quando dois jovens nas túnicas vermelhas do culto à Tríade usaram uma maca para carregar Ayllan até um jardim espaçoso nos fundos do templo, a mortalha apresentava pontículos manchados de sangue. Ninguém pareceu se importar. Todos os olhos lamentavam a fila de cadáveres que desfilava na direção de uma estrutura composta por toras de madeira, óleo, folhas secas e palha.

Enquanto balançava de um lado ao outro conforme os passos dos religiosos, Ayllan se esforçou para identificar conhecidos entre as faces que se misturavam ao largo do caminho até a pira funerária. Percebeu a tristeza de Klarn e a apreensão chorosa de Sannyra. No entanto, não enxergou a filha.

A ira eclodiu e tomou cada canto de seu espírito. Não conseguiu acreditar no ultraje que era privar Dyanna do funeral de seu próprio pai. A cólera aumentou quando ele percebeu a tranquilidade do oficial Fyrnad ao lado de Sannyra. Estava claro que ela nada dissera sobre a torta de figo. Ayllan desejava que a esposa fosse inocente, mas não era mais capaz de ignorar os indícios. Enquanto o colocavam ao lado de outros cinco mortos na estrutura fúnebre, separada de canteiros floridos por um círculo de terra, ele urrava e repetia a si mesmo promessas de vingança contra Sannyra. Ninguém o ouvia.

Um sacerdote se adiantou e se voltou para o público. Não precisou aguardar pelo silêncio. O luto havia calado todos. Sua voz melódica e rouca se espalhou pelo jardim:

— Nós, humanos, fomos os escolhidos pelos Primevos para trazer equilíbrio ao mundo. E somos abençoados por sermos guiados pelas palavras da Tríade. Podemos amar, constituir família, nos divertir com amigos, servir aos nossos senhores, tudo aos olhos e sob a proteção de Ellah, Shakka e Hannor. A dádiva de nossa presença neste mundo, entretanto, possui um preço: a

morte. Não devemos temê-la. Ela representa a passagem de nosso espírito para as terras eternas, caso tenhamos vivido sob os preceitos dos livros. E os mortos cujos espíritos hoje serão libertados para a eternidade decerto viveram consoante as disposições divinas. Sem dúvida, serão recepcionados de braços abertos no outro mundo. Que tenhamos a coragem e a determinação de vivermos como eles para que um dia nossos espíritos também sejam dignos da Tríade. Que os humanos aqui deitados de olhos fechados partam em paz e desfrutem da eternidade junto à Tríade.

O público ainda assentia em silêncio diante das palavras quando o sacerdote sinalizou que a pira funerária fosse acesa. Voltado estático para as poucas nuvens do céu, Ayllan não enxergava Sannyra, mas a imaginava externando concordância com o discurso enquanto, por dentro, sorria por tê-lo assassinado. As chamas libertadoras começaram a envolver os corpos, e Ayllan sequer percebeu. Tudo em que pensava era vingança.



# DYANNA

## PREPARATIVOS

Dyanna escorou as costas na árvore e aguçou os ouvidos em busca de seu adversário. Percebeu apenas os arbustos do jardim chacoalhando ao vento. Aguardou imóvel, precisava surpreender o primo. Uma sombra avançou pela grama, entrando em seu campo de visão. A menina sorriu, satisfeita por ter utilizado o sol a seu favor. Quando o alvo se aproximou mais dois passos, Dyanna saltou de trás da árvore.

— Paralisado — gritou com as mãos estendidas.

— Barreira — replicou o menino, também erguendo os punhos. — E lanças azuis!

Dyanna endireitou o corpo e fez uma careta.

— Você não pode evitar a paralisia com uma barreira, Lugg. Já expliquei várias vezes.

— E o que você sabe de arcania? Se eu sou o arcano, faço o que eu quiser — insistiu o garoto dois anos mais novo e um palmo menor.

— Você não sabe brincar. Sempre acha que pode tudo, por isso é chato. A arcania não permite que se faça tudo.

— Como se você soubesse todas as regras — debochou o garoto, mostrando a língua.

— Os livros permitem isso — retrucou Dyanna. — Ah, verdade, você é tão burro que ainda não sabe ler.

Lugg avançou contra a prima, que não foi ágil o suficiente para se desviar. Com os dedos, o menino prendeu os cabelos de Dyanna, fazendo-a se curvar com um puxão. Ela gemeu e se lançou contra o estômago do primo,

usando o ombro como arma. Ambos caíram no chão e começaram a trocar golpes. Por cima, ela lançava tapas, enquanto ele brandia os punhos fechados.

— Parem agora — ecoou pelo jardim uma voz severa.

Dyanna saltou para trás e se levantou. Em instantes, a criada responsável pelas duas crianças estava ao seu lado, segurando-a com força atrás do pescoço. Pytta era franzina, e seus cabelos negros já começavam a embranquecer, mas sua pegada doeu mais que os golpes de Lugg.

— O que pensam que estão fazendo? Não posso deixá-los sozinhos por mais do que alguns minutos? Vocês são desordeiros por acaso?

Assim que o menino se levantou, esfregando a bochecha atingida por um dos tapas de Dyanna, a serviçal também lhe agarrou pela nuca. A passos largos, carregou as duas crianças para dentro da casa, largando-as apenas quando chegou à cozinha.

— A senhora Gannara e a senhora Sannyra me deram apenas uma tarefa hoje: terminar de arrumar os baús para a viagem. Se vocês continuarem brigando, não conseguirei. E a culpa será de vocês — reclamou Pytta. — Pensei que se comportariam. Agora precisarão me ajudar.

Dyanna bufou, enquanto Lugg arregalava os olhos e iniciava uma reclamação.

— Quietos — ordenou a serviçal. — Ou sua mãe saberá que está se aproveitando da ausência de seu tutor para não estudar as letras. Agora me sigam.

Pytta tomou o corredor principal e subiu as escadas. Assim que entrou no quarto pertencente a Ollyd e Gannara, começou a apontar itens a serem dobrados e colocados em baús. Dyanna se aprontou na direção de uma pilha de toalhas repletas de bordados, e Lugg embromou antes de ajudar com os vestidos de sua mãe.

A cada item colocado dentro dos baús de madeira, Dyanna repetia a si mesma o quanto estava entediada. Preferiria ler um livro sobre a vida de um

arcano famoso ou sobre uma importante guerra do passado. Até mesmo um dos livros sagrados da Tríade seria mais interessante do que preparar os pertences dos tios para a viagem.

Entretanto, a ideia de passar algumas semanas longe de Nayran a empolgava. Sonhava que, longe de casa, algum poder arcano pudesse despertar. Assim, ela partiria para estudar e aprender arcania em Akinddur ou Ishllan. Nunca mais dependeria de ninguém e um dia viveria incontáveis aventuras. Seria um caminho mais feliz do que o planejado por sua mãe. Ela lhe desejava apenas um bom casamento. Por outro lado, tinha certeza de que o pai ficaria feliz por ela.

Ao pensar em Ayllan, a garota suspirou. Estava decepcionada por ele não ter lhe contado uma história na noite anterior, como sempre fazia após retornar do serviço na guarda da cidade. Sequer a havia colocado para dormir. Ainda pior, havia saído de casa antes que a menina acordasse, apressado para resolver pendências para a partida da família.

— Parece muita bagagem para apenas algumas semanas junto ao mar — comentou Lugg, após o primeiro baú estar completo.

Dyanna concordava com o primo, mas sabia da ânsia de sua tia Gannara com diferentes opções, desde vestidos e lenços a camisolões de dormir.

— Eu sigo ordens — explicou Pytta. — Se sua mãe falar para eu colocar no baú, é isso que farei. E nem pense em fazer corpo mole para me ajudar, ou o deixarei sem almoço.

Lugg resmungou algo ininteligível enquanto coçava os cabelos curtos e crespos, e Dyanna esboçou um sorriso. Gostava quando o primo recebia reprimendas. A serviçal a encarou com o semblante carregado e exigiu com entonação cansada:

— Seja mais madura. Dê o exemplo a Lugg. O trabalho já está atrasado, não há tempo para risinhos e brincadeiras. Antes do final da tarde, precisamos estar prontos.

A menina anuiu e baixou o rosto, recordando como sua tia gritava com Pytta quando ela não conseguia cumprir uma tarefa no tempo determinado. E o prazo era sempre curto.

— Sinto muito. Nós ajudaremos sem reclamar. Não é mesmo, Lugg?

O menino olhou enviesado para a prima, mas concordou.

— Obrigada, Dyanna.

Diante da expressão mais branda da criada, a menina perguntou:

— Você sabe se minha mãe e meu pai retornarão para casa antes de partirmos ou se nos encontrarão direto na saída da cidade?

— Não sei. A senhora Sannyra disse que o senhor Ayllan permaneceria fora o dia inteiro. Se alguém vier antes, será sua mãe.

Dyanna lamentou a resposta. Desejava a ajuda da mãe para escolher as roupas que levaria, mas ansiava ainda mais pela presença do pai. Ele insistiria que ela pudesse levar mais livros do que Pytta e Sannyra estariam dispostas a permitir.

A amostra chegou ao fim.

Quer saber o que acontece no resto da história?

Adquira o livro acessando o link e selecionando os links disponíveis para compra da versão impressa ou digital (e-book):

<https://www.rodrigobscop.com/oveucinzenoentreosmundos>

Se possível, avalie após a leitura. Sobretudo na Amazon ou no Skoob. Será de enorme ajuda, pois mostra a outros possíveis leitores que você gostou da história e também o que mais gostou.

Obrigado! E boa leitura!